

A ARMADILHA DE TUCÍDIDES, A GUERRA IRRESTRITA E O SÉCULO XXI

Quando Xi Jinping cita a Armadilha de Tucídides, alerta que a rivalidade EUA-China transcende o comércio; na era da Guerra Irrestrita, o confronto é multidimensional, e o desafio real não é a vitória, mas se a ordem global resistirá à transição de poder sem colapso.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

As palavras importam. Ainda mais quando proferidas por líderes de potências que atualmente disputam o controle do sistema internacional. É por isso que a recente referência de Xi Jinping à chamada “Armadilha de Tucídides” durante suas conversas sobre a relação estratégica entre a China e os Estados Unidos não passou despercebida.

Xi questionou se ambas as nações seriam capazes de “superar a chamada Armadilha de Tucídides”, elevando deliberadamente a discussão muito além de tarifas, comércio ou disputas tecnológicas. A mensagem era inequívoca: o verdadeiro problema entre Washington e Pequim não é mais econômico. É histórico, estrutural e geopolítico.

Para compreender a profundidade dessa afirmação, é essencial retroceder mais de dois mil anos. Tucídides foi um estrategista e historiador ateniense do século V a.C., autor da

monumental *História da Guerra do Peloponeso*, obra que permanece leitura obrigatória em academias militares e centros de estudos estratégicos em todo o mundo. Tucídides descreveu o grande conflito que opôs Atenas, uma potência marítima, comercial e expansionista, a Esparta, uma potência terrestre, militarizada e conservadora que dominava a ordem grega tradicional.

Após as guerras contra a Pérsia, Atenas começou a crescer extraordinariamente. Expandiu sua frota, controlou rotas marítimas, construiu um sistema de alianças e acumulou riqueza, influência cultural e poder político. Esparta observou essa ascensão com temor. Foi então que Tucídides proferiu uma das frases mais famosas da história política: *“Foi o crescimento do poder de Atenas e o medo que isso despertou em Esparta que tornaram a guerra inevitável.”*

Séculos depois, essa reflexão seria reformulada como a “Armadilha de Tucídides”: a ideia de que, quando uma potência emergente ameaça suplantam uma potência dominante, o risco de conflito sistêmico aumenta drasticamente. A Guerra do Peloponeso terminou com a vitória militar de Esparta em 404 a.C. No entanto, o resultado estratégico foi muito mais complexo. O conflito exauriu ambas as potências, enfraqueceu todo o mundo grego e abriu caminho para a ascensão da Macedônia sob Filipe da Macedônia e, posteriormente, Alexandre, o Grande. A grande lição histórica é clara: em guerras hegemônicas, mesmo o vencedor pode acabar estrategicamente destruído.

Quando Xi Jinping invoca Tucídides, não está fazendo uma referência acadêmica casual. Ele está descrevendo como percebe a relação atual entre a China e os Estados Unidos. Muitos analistas ocidentais hoje retratam a China como uma nova Atenas: uma potência emergente, dinâmica, tecnológica e comercial que desafia a ordem estabelecida. Enquanto isso, os Estados Unidos aparecem como uma espécie de Esparta contemporânea: a potência dominante que busca preservar o sistema internacional construído após o fim da Guerra Fria.

Mas a questão central não é quem vencerá. A verdadeira questão é se o sistema internacional sobreviverá intacto a essa transição de poder.

E aqui surge um elemento fundamental para a compreensão do século XXI: a própria transformação da guerra. No final da década de 1990, os coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui desenvolveram o conceito de “Guerra Irrestrita”. A tese era revolucionária: no mundo contemporâneo, a guerra não se limita mais à esfera militar. Tudo pode se tornar uma arma. Finanças, comércio, tecnologia, energia, informação, mídias sociais, pressão diplomática, mercados, direito internacional e até mesmo as cadeias de suprimentos globais agora fazem parte da arena do conflito. A fronteira entre paz e guerra começa a se tornar tênue.

ARMADILHA DE TUCÍDIDES

Quando uma potência emergente ameaça uma potência dominante, o risco de guerra aumenta. (Tucídides).



Desde a antiguidade até o século XXI, a história ensina que toda transição de poder acarreta **riscos sistêmicos**.

E é precisamente isso que observamos hoje entre Washington e Pequim. O confronto já existe, embora ainda não tenha assumido a forma de uma guerra convencional direta. Ele se manifesta por meio de sanções, bloqueios tecnológicos, disputas sobre semicondutores, competição por inteligência artificial, pressão naval no Indo-Pacífico, disputas energéticas, operações de influência global e uma constante batalha narrativa para definir quem representa a ordem legítima do século XXI.

Não estamos diante de uma nova Guerra Fria clássica. Estamos diante de uma competição multidimensional, permanente e difusa.

Neste ponto, a lógica da guerra irrestrita está diretamente ligada ao que conceituamos como a “Névoa da Guerra 2.0”. Na guerra contemporânea, a percepção importa tanto quanto o poder de fogo. A narrativa pode valer mais do que uma vitória tática, e a guerra psicológica torna-se inseparável do combate militar. A guerra não ocorre mais apenas nas linhas de frente. Ela também ocorre na mídia, nas plataformas digitais, nos mercados de energia, nos sistemas financeiros e nas mentes das sociedades.

O objetivo não é mais simplesmente destruir as forças inimigas. Trata-se de alterar a vontade política, fragmentar a coesão social e influenciar decisões estratégicas.

É por isso que a China está tentando evitar um confronto militar direto e prematuro.

Pequim parece ter estudado cuidadosamente a queda de Atenas. Busca ascender ganhando tempo, expandindo suas capacidades industriais, fortalecendo suas rotas comerciais, consolidando seu poder naval e apresentando-se como um ator racional diante de uma ordem internacional que percebe como esgotada. Enquanto isso, os Estados Unidos enfrentam uma crescente saturação estratégica, abrangendo simultaneamente a guerra na Ucrânia, a crise no Oriente Médio, a competição no Indo-Pacífico, a disputa tecnológica e a fragmentação do sistema global.

A referência de Xi a Tucídides revela, portanto, algo muito mais profundo do que uma simples disputa bilateral. Estamos testemunhando a transição de uma ordem unipolar para um sistema cada vez mais multipolar ou policêntrico. E, como qualquer transição de poder histórica, o processo contém enormes riscos.

A história de Esparta e Atenas nos ensina que as guerras hegemônicas podem destruir não apenas os derrotados, mas também todo o sistema que ambas as potências tentam controlar. Mas a guerra irrestrita acrescenta um novo elemento: hoje, os conflitos podem se expandir para todas as dimensões da vida humana sem a necessidade de uma declaração formal de guerra.

A grande questão do século XXI não é mais simplesmente quem dominará o mundo. A verdadeira questão é se a humanidade será capaz de navegar por essa transição sem que a competição sistêmica entre grandes potências transforme, em última instância, o planeta inteiro em um campo de batalha multidimensional.

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
